



Frozen – uma aventura congelante e suas músicas: na embalagem do entretenimento, a prescrição de um jeito de ser feminino.

Frozen - a freezing adventure and its musics: in the package of entertainment, the prescription of feminine way to be.

Maria Angélica Brizolari Pongeluppe^()*
*Débora Raquel da Costa Milani^(**)*

RESUMO

Este artigo discute as representações de gênero e de sexualidade extraídas de letras de músicas de um filme campeão em visualizações na atualidade por crianças da primeira infância: o filme *Frozen – uma aventura congelante*. Tal texto cultural, aqui entendido enquanto pedagogia cultural, dita eficazmente normas de comportamento para meninos e meninas, na sociedade atual, e reproduz modelos de conduta muito parecidos com os apregoados nos manuais de civildade utilizados no século XIX. Modelos estes que são, devido ao despreparo dos/as professores/as, muitas vezes, reforçados nas instituições escolares, local onde deveriam ser problematizados e desnaturalizados. Utilizou-se, neste trabalho, as contribuições dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Sexualidade. Filme *Frozen – uma aventura congelante*. Pedagogias culturais.

ABSTRACT

This article discusses the representations of gender and sexuality extracted from songs of a champion movie currently in view by children of the early childhood: the movie *Frozen - a freezing adventure*. Such a cultural text, here understood as cultural pedagogy, effectively dictates behavioral norms for boys and girls, in today's society, and It reproduces models of conduct very similar to those proclaimed in the manuals of civility used in the nineteenth century. These models are, due to the unpreparedness of teachers, often reinforced in institutions where they should be

^(*) Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista, no eixo de Formação de Professores em Educação Especial, curso de Pós-Graduação Lato Sensu na área de Educação em Didática e Tendências Pedagógicas e mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista. É doutoranda do no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: angelicabrizolari@gmail.com.

^(**) Professora da Faculdade Anhanguera de Matão e UNIESP FTGA (Faculdade de Taquaritinga). E-mail: deb.milani@yahoo.com.br.

problematized and denatured. It was used, in this work, the contributions of Feminist Studies and Cultural Studies in a post structuralist perspective of analysis.

KEYWORDS: Child. Sexuality. Frozen Movie - A freezing adventure. Cultural pedagogies.

Falar com as crianças sobre as relações entre os sexos teve variadas abordagens ao longo dos tempos. Após a publicação dos famosos *Colóquios*, por Erasmo¹, no século XVI, muitos outros estudiosos da educação não tomaram a sexualidade como objeto de estudo. Apenas no século XX, registra-se a publicação da obra de Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1906), que causa escândalo e controvérsia por colocar com clareza existência da sexualidade na criança. (CAMARGO & RIBEIRO, 2000).

A partir de então, postulam as aludidas autoras, que áreas como a psicologia e a biologia interessam-se pela infância e pela sexualidade infantil. Contudo, o poder do adulto “continua sendo inscrito no corpo das crianças, mudando apenas a sua forma e os mecanismos por ele acionados”, não raro, observam-se nas escolas a “individualização e o isolamento, a divisão por sexo, idade, capacidade intelectual, enquanto o professor continua a ser encarado como o centro de todo o processo educativo.” (CAMARGO & RIBEIRO, 2000, p. 27).

Refletir sobre tal perpetuação impõe-nos pensar acerca dos motivos que conduzem a ela. São situações que formam um contexto, mas que têm sua origem nas concepções individuais de vida de cada um. Na verdade, a visão de mundo do indivíduo estreita-se aos conhecimentos e aos dogmas que possui. Para cada sujeito

Só é possível o que pode imaginar, só é real o que pensa que existe e só é certo aquilo em que acredita. [...]. Agimos e movemo-nos não de acordo com a realidade, mas de acordo com nossa imagem de mundo. Cada pessoa não constrói essa imagem por si mesma, a partir da

¹ Sábio e estudioso holandês Erasmo de Roterdã (ou Desidério Erasmo) foi um dos primeiros autores de grande vendagem no mundo. Ele adquiriu sua fama durante o Renascimento, com ideias humanistas ele sintetizava um pensamento liberal e progressista. Entre suas obras, destaca-se *Colóquios Familiares* (1516-1536), em que o autor tinha a “intenção de apresentar a vida adulta ao menino, relatando diálogos de um jovem fazendo a corte a uma moça, as queixas de uma mulher sobre o mau comportamento do marido e conversas entre um rapaz e uma prostituta.” (CAMARGO & RIBEIRO, 2000, p. 25).

observação de alguns fatos concretos e reais, e sim, na maioria dos casos, a partir do que os outros lhe dizem a respeito desses fatos, ou seja, a partir dos julgamentos que os demais emitem sobre a realidade. (MORENO, 1999, p. 13).

Ora, se vivemos, conforme preconizou Foucault (1988), longos anos de domesticação, em “relações de poder” sob forma de discurso, do falar sobre, uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa, vivemos anos de domesticação – dos corpos, do sexo nesses corpos e dos sentimentos - para que nos tornássemos pais, filhos, maridos e mulheres exemplares.

Importante frisar que são inúmeros os espaços que educam e que não há como separar mais o homem dos recursos tecnológicos existentes e nem, tampouco, as crianças. É importante conviver com eles. Contudo, há que se considerar que seus conteúdos se constituem em maneiras de ensinar – são as chamadas pedagogias culturais existentes – nos diferentes artefatos midiáticos: publicidade, cinema, TV, Internet, revistas etc. São instâncias que ditam, constantemente, normas e posturas, mostram qual a posição ocupada pelo sujeito na sociedade e, ao mesmo tempo, exercitam jogos de poder.

Quanto à sexualidade, os vários discursos costumam colocá-la como central em nossas vidas, de forma naturalizante e universal, que produz um eficiente efeito de verdade (FELIPE, 2010). A autora faz referência aos dizeres de Weeks (1999): “a sexualidade, embora tendo como suporte um corpo biológico, deve ser vista como uma construção social, uma invenção histórica, pois o sentido e o peso que lhe é atribuído são modelados em situações sociais concretas.” (FELIPE, 2010, p. 57).

Com base nos Estudos Culturais, que possibilitam examinar as práticas culturais pelas quais os indivíduos buscam a compreensão de si mesmos e do mundo que os cerca e aportados na ideia de uma pedagogia cultural, reiteramos que a escola não é o único lugar onde os corpos são educados, moldados e governados.

Neste artigo, apresentamos o recorte de uma pesquisa mais ampla realizada numa escola de educação infantil, da cidade do interior paulista de Araraquara, envolvendo uma turma de cinco/seis anos - última dessa etapa de ensino. Utilizaremos uma atividade desenvolvida a partir da análise de músicas do filme apontado como preferido pelas meninas da turma, *Frozen* –

uma aventura congelante. Faremos uso, neste trabalho, das contribuições dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista de análise

A mídia enquanto pedagogia cultural – instância que educa

As chamadas mídias de massa, em suas variadas formas, têm invadido lares em diferentes países do mundo. Aparelhos de televisão de distintos tamanhos, computadores de diversas configurações e celulares de última geração distraem, com seus recursos tecnológicos inovadores, pessoas de diferentes gerações. Cada vez mais cedo, as crianças estão a impressionar os adultos com sua capacidade de manuseio e familiaridade com tais recursos.

O mergulho na tecnologia por pessoas de várias idades não passa despercebido na sociedade e tem se transformado em quase uma necessidade básica. Pode-se dizer que são um complexo aparato cultural e econômico de produção e veiculação de imagens e sons, informação, interação, publicidade e divertimento. Veiculam e produzem significados, sentidos que se relacionam com modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo e se relacionar com a vida. Não se pode desconsiderar a importância política, social e cultural das mídias em nossas vidas. É imprescindível analisar o modo como os diferentes públicos se relacionam com tais recursos e quais construções simbólicas podem ser frutos dessa interação, especialmente nas crianças.

Já que meninos e meninas estão em processo de produção de suas identidades individuais e culturais, resta-nos analisar em que medida os conteúdos a que estão expostos/as, por meio da mídia, podem operar sobre a constituição de suas subjetividades, que indivíduos estão sendo formados nessa nova educação midiática tão atraente e olhar para as transformações que ocorreram nas agências educativas tradicionais: família e escola e a força crescente da mídia como agente formadora de sujeitos e de grupos sociais.

Voltemos a Moreno (1999), que corrobora com tais afirmações, em suas colocações sobre as influências que sofremos dos demais (e quem são os demais? São familiares, professores, professoras, livros, amigos, amigas etc.). Estes, por sua vez, sofrem influência de outros, e assim por diante. De fato, é

uma rede de influências pessoais que se estende pelo tempo e pelo espaço, e cuja lembrança se perdeu.

Daí advém o fato de que nossa forma de pensar está fortemente condicionada pela sociedade à qual pertencemos, por sua cultura e por sua história. Daí também decorre que as idéias mais absurdas, sem nenhum correlato com a realidade, podem perpetuar-se durante séculos e mais séculos. (MORENO, 1999, p. 14).

Ao nascermos, sob influências sociais, teremos condicionada nossa forma de ver o mundo. Por meio da linguagem, assimilamos a forma de dividir o nosso universo em categorias. As palavras nomeiam as coisas, e também fazem com que as agrupemos de um determinado modo em nosso pensamento. São formas que encontramos de classificar o universo, mas o modo como cada sociedade faz suas divisões depende dos seus interesses, que podem ser diferentes dos interesses de outros povos.

Nesse sentido, vale mencionar o que se propagou (e ainda se propaga), em diferentes áreas do conhecimento - filosófico, religioso, pedagógico, médico, literário -, a respeito da distinção e expectativas atribuídas a meninas e meninos, homens e mulheres, e que se institui como verdades em diferentes sociedades.

Filme Frozen – uma aventura congelante²

A turma que se constituiu em sujeito da pesquisa é formada por um dos grupos da última etapa da Educação Infantil de uma unidade de ensino da Rede Municipal da cidade paulista de Araraquara. Alunos/as, cujas idades, na ocasião da pesquisa, oscilavam entre cinco anos e meio e seis anos, sendo

²Filme de animação musical estadunidense, produzido pela *Walt Disney Animation Studios* e distribuído pela *Walt Disney Pictures*. Inspirado pelo conto de fadas *A Rainha da Neve*, de Hans Christian Andersen, narra as desventuras das irmãs reais de Arendelle. A mais jovem princesa, Anna, parte em uma jornada com Kristoff, um homem da montanha, sua leal rena de estimação (Sven) e Olaf, um boneco de neve que sonha em experimentar o verão, para encontrar sua irmã, a Rainha Elsa, cujos poderes congelantes transformaram o reino onde vive em um inverno eterno. Foi lançado em 27 de novembro de 2013 e foi recebido com aclamação pela crítica e público em geral. O filme foi considerado a melhor animação do estúdio desde a era do Renascimento da Disney. Informações disponíveis em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Frozen> Filme de animação mais rentável de toda a história. Informação disponível em <https://www.cineclick.com.br/galerias/animacoes-mais-rentaveis-do-cinema>

oito meninos e 11 meninas, totalizando 19 crianças. A professora da turma, chamada Júlia³, com 30 anos de idade e há 10 anos exercendo a docência, dos quais, os últimos dois anos, como professora nesta rede de ensino e neste Centro de Educação e Recreação (CER).

No início da pesquisa, verificamos quais eram as atividades preferidas das crianças quando estas estavam em casa, além de buscarmos apurar a quais recursos midiáticos estavam expostos, nestes momentos, com que frequência os utilizavam e quais conteúdos acessavam. Num segundo momento, fizemos análise de alguns conteúdos pertencentes aos textos culturais acessados buscando identificar reflexos destes no tocante à sexualidade dos/as alunos/as.

Dentre as informações coletadas, constatamos que o filme favorito do grupo de meninas era *Frozen – uma aventura congelante*. Para buscar respostas às nossas indagações iniciais, fizemos uso de recursos da etnografia de tela⁴ para analisarmos trechos do filme e, após, realizamos rodas de conversa, brincadeiras, sessão de dança e entrevista semiestruturada com a professora da turma.

No filme em questão, há duas personagens principais – Elsa e Anna. A primeira, heroína às avessas, tem poderes nas mãos que congelam tudo em que toca; a segunda, irmã caçula de Elsa, vive atrás da atenção da irmã, que foge dela para evitar machucá-la com sua força congelante. Elsa é o modelo de beleza, característico das princesas dos filmes da Disney. Tem uma figura esbelta, formas suaves e longilíneas, a pele muito alva, cabelos longos, loiros

³ Codinome escolhido pela docente. Todos os nomes que aparecem neste trabalho são fictícios.

⁴ “Etnografia de tela” é uma expressão utilizada por Rial (2005) para designar “uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática, registro em caderno de campo, etc.” (p.120-121). Associando-se a ferramentas “próprias da crítica cinematográfica (análise de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações (BALESTRIN & SOARES, 2012, p. 89). A proposta é a de lidar com e explorar a indeterminação, as contradições e a provisoriidade dos sentidos na análise das imagens. É preciso considerar que o que se vê na tela é tão real quanto o que está fora dela. Existe um procedimento convencional de fórmulas que se repetem na tela, que se torna uma teia de discursos que fazem as realidades existirem, persistirem e, por vezes, modificarem-se. O cinema é um campo fértil para analisarmos os diferentes processos de significação envolvidos na manutenção, na construção e na desconstrução de determinados discursos. Para saber mais, ver Balestrin e Soares (2012).

e lisos. Altiva, é dona de uma postura digna da realeza. Usa vestidos ricamente ornamentados na primeira e na segunda fase do filme. Já Anna, a grande heroína e salvadora, é mais baixa, tem os cabelos escuros e a pele clara. Suas características marcantes não estão nos atributos físicos, mas no comportamento: com ingenuidade e pureza, ora é divertida, ora é engraçada e, por vezes, desastrada. Muito alegre e determinada, mantém o foco em seu objetivo até o final, que é o de trazer Elsa para perto de si e desfrutar de seu amor. Consegue seu intento com a ajuda de Kristoff, um jovem montanhês muito simples, vendedor de gelo, antes do lugar ficar totalmente congelado pelos poderes desastrosos de Elsa. Pertencente à esquisita família dos *trolls*, *apaixona-se* por Anna de quem, aparentemente, torna-se par romântico no final do filme, já que Anna descobre que ele de fato a ama. O príncipe Hans, que pede Ana em casamento só tinha interesses financeiros e desejo de elevação social, por isso quis se casar com ela, já no primeiro encontro. Pedido que ela prontamente aceitou, pois era o que buscava com afincos desde o início - um amor.

Embora o filme saia do lugar comum por não se tratar apenas da relação romântica e do amor entre príncipe e princesa, mas por explorar outro tipo de amor, o fraternal e contar uma história em que o sonho da personagem é ilusório: a liberdade, ele traz marcadores que merecem nossa atenção.

Entre várias situações hilárias, o desenho é composto por muitas músicas que, em seu teor, colocam posições de como é ser homem e mulher. Em sequência, algumas partes das músicas das personagens femininas:

*Por uma vez na eternidade*⁵

Anna

....

⁵ Trecho da letra da música *Por uma vez na eternidade*. Todas as músicas aqui elencadas estão disponíveis em <http://www.vagalume.com.br/frozen-trilha-sonora/por-uma-vez-na-eternidade.html>

*Vou ter uma noite de gala e tal
Em um vestido especial
Com graça e muita sofisticação. Uh!
Então de repente eu vejo alguém
Esbelto e bonito ali também
Me encher de chocolate é tentação
Depois os risos e conversas
Bem do jeito que eu sonhei
Nada como a vida que levei

Por uma vez na eternidade
Há magia e diversão
Por uma vez na eternidade
Vou estender a minha mão
E eu sei que é muita loucura
Por um romance suspirar
Mas por uma vez na eternidade
Ao menos vou tentar*

*Elsa:
Não podem vir, não podem ver
Sempre a boa menina deve ser
Encobrir, não sentir, encenação
Um gesto em falso e todos saberão
Se é só hoje, seja então.*

....

Algumas palavras ditas ou determinadas nas músicas, aparentemente de forma “natural”, acabam por prescrever e constituir um jeito de ser feminino. As falas de Anna deixam claro quais são seus ideais e seus desejos: primeiramente, vestir-se com graça e sofisticação. Percebe-se um reforçador de que o que importa verdadeiramente para a figura feminina é sua imagem considerando a parte estética - suas roupas e sua beleza. Prossegue dando a entender que o embelezamento seria especialmente para esperar o encontro

tão desejado com o homem por quem se apaixonaria, como se a segunda coisa mais importante fosse encontrar um par masculino, sem o qual a felicidade não seria plena. Em continuidade, refere que o contentamento se completaria quando ganhasse do par masculino desejado uma caixa de bombons. Importante ressaltar a sequência de objetivos da princesa para felicidade completa: tornar-se bela usando um vestido especial para esperar o par romântico e, finalmente, por ele ser presenteada com mimos, como uma caixa de bombons.

Já a letra da música cantada por Elsa passa-nos a mensagem de que a mulher deve encobrir sentimento de revolta ou possíveis descontentamentos, afinal, o que se tem pregado, ao longo de séculos, é que a mulher deve ser boa, submissa, frágil, sem maiores transgressões, mesmo que para isso precise encenar.

Louro (1997, p.65, grifo da autora) elucida que “a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, *muito natural*.”

As crianças, em contato com tais representações, acabam por internalizar comportamentos, atitudes e valores ali presentes. Teixeira (2009) menciona Foucault em colocações de que:

Aquele que lê (uma obra de arte, um livro, um filme, uma fotografia, uma história em quadrinhos) entra na cena e ao construí-la é construído, é subjetivado pelos discursos que no texto operam e, neste mesmo jogo, posicionado como sujeito. (TEIXEIRA, 2009, p. 41).

Giroux (1995), em seus estudos específicos sobre o aparato cultural presente nos filmes da Disney, coloca-nos que a forma de representação de tais textos denota, em parte, sua legitimidade imperativa e autoridade cultural. Contudo, tal hegemonia se configura também no contexto de sua predominância num amplo aparato de mídia equipado com alta tecnologia, com impressionantes efeitos de som e imagem, além das simpáticas e amáveis histórias serem apresentadas na agradável embalagem do entretenimento.

Ao ouvirmos as crianças constatamos que em suas falas é notório que existe a eficiência na transmissão de mensagens subliminares de tais conteúdos culturais. Percebemos incontestemente pedagogia que nos ensina papéis, valores e ideais específicos, daí a necessidade de estarmos atentos a elas e de “ir além de tratar esses filmes como simples diversão, a fim de questionar as mensagens por trás deles.” (GIROUX, 2001, p. 90).

É pertinente colocar que, nos limites dessa pesquisa, foram feitas várias indagações às crianças acerca do filme em questão, entretanto, relataremos aqui as respostas que entendemos serem mais significativas. Um dado interessante foi percebido quando perguntamos às crianças quem já havia assistido ao filme. Dois meninos disseram que não o viram. Entretanto, ao longo da conversa, verificamos que eles não foram sinceros, pois participaram das discussões com profundo conhecimento do conteúdo. A professora nos colocou, com segurança, que todos já haviam assistido ao filme, pois tal fato acontecera na escola.

Notamos que há entre os garotos vergonha em admitir assistir filmes que, segundo eles, “é filme para meninas.” Mesmo aqueles que assentiram que conheciam o filme, fizeram-no de forma contida e desconfortável. É perceptível que, além dos comportamentos aceitáveis para os meninos, existem, no entendimento deles, também as categorias de filmes que são permissíveis que os meninos vejam. Ao admitirem que já assistiram tal filme, parece que assumiram uma posição de invasão a um mundo estritamente feminino, o que pode pôr em risco suas masculinidades.

Avaliamos, ao longo das conversas com as crianças, que deveríamos ter algumas estratégias no discurso para obtermos mais fidedignidade nas respostas, então elaboramos algumas perguntas com tal intuito. Colocamos que faríamos perguntas e as crianças ficariam à vontade para responder ou para se calar. Indagamos aos/às alunos/as: “Se houvesse uma festa à fantasia aqui na escola e vocês tivessem duas opções de escolha: a fantasia da Elsa ou a fantasia da Anna para escolher, qual escolheriam?” Havia 15 crianças presentes, 11 meninas e quatro meninos. Das meninas, oito disseram escolher a fantasia da Elsa e apenas três escolheriam a da Anna.

Consideramos manifesta a preferência e idolatria das meninas pela Elsa. Personagem que, durante todo o filme, causou sofrimentos e dissabores aos demais do enredo. Embora Anna fosse a heroína que buscou resgatar a irmã, lutou e protagonizou a maioria das cenas e, ao final, salvou-a e, conseqüentemente, a todo o reino, pois trouxe o verão de volta, não tem o ideal de feminilidade das princesas apregoado nos diferentes filmes da Disney. Sua figura de boa moça, ingênua, engraçada e, por vezes, trapalhona, não atrai os olhares das meninas que, em suas falas, reproduzem o que está posto na música sobre como uma princesa deve ser e que condiz somente com a postura de Elsa: “Tem que se comportar; Tem que fazer silêncio; Precisa respeitar os pais; Ela tem que saber segurar o vestido assim ó...” [fazendo movimento com as mãos imitando as princesas ao caminharem segurando o vestido para não tropeçar nele].

Com tais colocações, perguntamos às crianças se Anna também não se comportava assim, já que também era uma princesa. Uma das meninas respondeu: “Ela se comportava [meio indecisa], só que engraçada, ela é mais engraçada do que elegante. A Elsa é elegante.” Outra menina coloca: “Acho a Elsa muito fechada [quem fala é uma das poucas meninas que usaria a fantasia de Anna].” Então buscamos problematizar e perguntamos o que a Elsa havia feito de bom, de bonito, de legal na história e que havia chamado a atenção deles/as. As respostas foram várias: “O castelo; O vestido; Ela descongelou o lugar [concepção errônea de que Elsa havia salvo o lugar].”

Percebemos o equívoco dos alunos e os questionamos. Após o diálogo, concluíram que não foi Elsa quem salvou o lugar, mas que, na verdade, ela havia congelado o coração da Anna quase a matando. Ainda assim, colocaram como pontos positivos da atuação de Elsa: “Ela voltou a gostar da Anna; Ela trouxe o verão de volta [novamente não tinham a concepção de que ela não havia contribuído para com a solução dos problemas, mas faziam inferência à Elsa nessas questões que cabem à heroína]; Descongelou a Anna [novamente o erro]; Fez a escada; Ela fez um gigante.” Quando perguntados por que ela fez o gigante, responderam que era para ficar contra a Anna, para colocar as pessoas para fora do castelo.

Quando perguntamos o que a Anna fez de bom, as respostas se reduziram a: “Ela cantou; Ela tentou salvar a irmã dela; Ela deu um soco no príncipe. ” Então indagamos sobre quem salvou quem na história. Nesse momento da conversa, já restava claro que Anna era a grande salvadora, pois foram unânimes em responder corretamente: “A Anna! A Anna salvou a Elsa; Ela salvou a irmã duas vezes. ” Prosseguimos sondando: “A mais espertada da história, então, é a Anna ou é a Elza?” Resposta: “A Anna!” Dissemos: “E mesmo assim, vocês preferem ser a Elsa?” Em coro, bem forte, a resposta foi um sonoro: “SIM!”

A esse respeito, a professora coloca sua opinião acerca da preferência das meninas por Elsa. Infere que, além de o filme ser sobre a personagem Elsa, os atributos dados a ela – o dom de cantar, a beleza, o poder – são os motivos da predileção das meninas.

São representações de mulher que mostram que as marcas são deixadas no corpo: no jeito de caminhar, no modo de olhar, nas vestimentas, na postura, enfim, na contenção do próprio corpo. Ser discreta sempre foi (e é) um atributo valorizado no corpo feminino e, talvez, a maior das virtudes, já que a procriação sempre foi considerada a maior de suas capacidades considerando ainda que, em outras tarefas, sua inferioridade em relação ao sexo oposto sempre foi demarcada.

De um modo geral, há que se considerar a educação diferenciada para meninos e meninas. Parte-se de um pressuposto que há uma essência em cada sujeito capaz de determinar e de conduzir cada um. Tais representações de masculino e feminino que ocorrem em repetição, constância e força, ao longo dos tempos, parecem ter contribuído para a construção de uma “verdade” sobre os gêneros (FELIPE, 2000).

São padrões de masculinidades e feminilidades, que vão sendo construídos e edificados por meio dos discursos. É importante ressaltar que suas organizações, seus efeitos e a forma como as coisas são ditas e não ditas, saem do campo do discurso e vão sendo naturalizadas e assumindo a posição de verdade em cada um, ou seja, vão sendo retratadas nos corpos. Segundo Foucault (2007):

O discurso é o caminho de uma contradição a outra [...]. Fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência. (FOUCAULT, 2007, pp. 173-174).

Outra questão que achamos relevante abordar com o grupo foi sobre a necessidade de Anna em encontrar logo um marido. Resgatamos com as crianças toda a parte inicial do filme, chamando a atenção delas para este fato. Mencionamos a parte final em que o príncipe Hans confessa que nunca amou Anna, mas que apenas desejava encontrar um reino para assumir como monarca. Viu que Anna seria uma vítima fácil, diferentemente de Elsa. Entretanto ele não obteve sucesso em seu plano e foi mandado de volta para seu reino.

Perguntamos ao grupo se eles/as haviam percebido isso no filme. Responderam que sim. Fizeram apontamentos de que Kristoff ajudou Anna durante todo o filme e ficou muito bravo por ela ter decidido se casar com o príncipe sem nem bem conhecê-lo. Diante das respostas, perguntamos ao grupo se este achou que Anna estava correta. Se toda a mulher precisa encontrar logo um marido para se casar e por quê. A resposta foi um “sim” imediato da grande maioria (do grupo, nove entre 11 meninas e dois de quatro meninos). Ao justificarem, vieram respostas como: “Porque sim; Para ir à igreja; Para ir passear; Para ir ao mercado.” Observamos, pelas respostas, que as crianças têm a concepção de que a mulher precisa do homem ao seu lado para executar as tarefas do cotidiano. Perguntamos: “Ora, mas a mulher não pode ir à igreja, ao supermercado ou ir passear sem ter marido?” Rapidamente afirmaram: “Pode!” Diante da afirmativa, voltamos à pergunta inicial para ver se havia mudança de opinião: “E quem acha, então, que mulher não precisa se casar?” Apenas quatro, dentre 15 crianças, levantaram as mãos. Pedimos aos que acharam que ela não precisaria se casar, que dissessem o motivo: “Porque a mulher.... ela não precisa ter marido, ela já sabe fazer as coisas sozinha [Beatriz]; Tia, quando minha mãe quer fazer alguma coisa sozinha, ela diz que só precisa de paz para fazer [Helen]”.

A predominância das opiniões de que o matrimônio deve ser o objetivo final na rota de vida de mulheres, confere com o que está posto nos filmes da

Disney, que apregoam, de forma generalizada a mesma posição. Com relação a este aspecto, Giroux (1995) traz à tona que:

Nas versões televisivas e hollywoodianas da cultura infantil, os personagens dos *cartoons* se tornam protótipos para uma ofensiva de *marketing* e de *merchandising*, e dramas de vidas reais (ficcionalizados ou não), se tornam um veículo para estimular a crença de que felicidade é sinônimo de viver num bairro rico com uma família de classe média, branca e intacta. (GIROUX, 1995, p. 52).

Felipe (2000), em seus estudos sobre as feminilidades e masculinidades ao longo dos tempos, infere que, historicamente, à mulher é atribuído certo confinamento em virtude de sua condição de futura mãe e dona-de-casa. A autora relembra Foucault, em suas elucidações de que tais discursos colocam como único lugar possível de se obter felicidade o matrimônio, pois a família tornou-se “ lugar obrigatório dos afetos, dos sentimentos, do amor” ((FOUCAULT, 1980, p. 103 apud FELIPE, 2000, p. 117), sempre circulando sobre os eixos: marido-mulher e pais-filhos.

A aludida autora relata que, nos idos anos de 1845, foi publicada pela primeira vez, em Portugal, a obra de Roquette - *Código do bom tom*. Nela estipulavam-se claramente as diretrizes para atuação da mulher em sociedade. A orientação era de que a mulher deveria ser comedida e recatada, sem manifestações de alegria ou espontaneidade, tal qual ainda podemos ver claramente nos filmes da Disney e com ênfase no Filme *Frozen*:

[...] se te divertes, não mostres senão uma alegria moderada; se estiveres aborrecida, dissimula e não o dêes a conhecer [...] [...] esforça-te por adquirir seu falar suave, e aquele ar reservado e ao mesmo tempo natural que anuncia a modéstia sem dela fazer gala (ROQUETTE, 1995, p. 65, apud FELIPE, 2000, p. 117, grifos da autora).

Tais binarismos tão presentes, nos corpos de meninos e meninas, de homens e mulheres, resultam de olhares que foram historicamente construídos e não são fixos. São frutos de um longo e contínuo processo que educa os corpos e produz subjetividades a partir dessa diferenciação (GOELLNER, 2015) e continuam sendo evidenciados em diferentes textos

culturais que têm o poder de educar e ditar formas de ser homem e mulher na sociedade, como os filmes infantis.

A ação da escola quanto à sexualidade

Pelos relatos da professora percebemos que a temática sexualidade é emblemática na escola, já que muitas situações, quando ocorrem, fazem com que as docentes [não havia nenhum homem na unidade atuando como professor na ocasião da pesquisa] acabem por procurar ajuda com outras colegas, que podem estar também despreparadas, nos momentos de conversas informais durante a jornada de trabalho ou sem ajuda, dependendo da situação. Notamos ainda que as atitudes tomadas, frente às questões ou eram ignoradas, ou eram enfrentadas com base no que cada professora achava ser correto, ou seja, com base nos “achismos”, sejam eles individuais ou coletivos. Não obstante, tais questões não apareceram no diagnóstico feito pela comunidade escolar, como assuntos a serem abordados no plano de metas na elaboração do Projeto Político Pedagógico⁶ (PPP), o que deveria ter ocorrido, já que as professoras, como foi dito, sentiam dificuldades em trabalhar o assunto e buscavam se ajudar, porém de maneira informal.

Júlia relatou que anteriormente à pesquisa tinha uma visão errônea do que seria a educação sexual.

Professora Júlia: Então, eu entendia dessa maneira a educação sexual a princípio: que era aquela disciplina, lá em Ciências, que você vai estudar o corpo, as mudanças que tem no corpo, as relações que tem entre homem e mulher, todo o sistema reprodutivo, eu entendia mais nesse sentido. Não tanto nesse outro que envolve também o comportamento.

⁶ Documento norteador de toda a prática pedagógica e administrativa da escola. No município onde foi realizada a pesquisa, com validade trienal, é elaborado com a participação de toda a comunidade escolar - a partir de um diagnóstico – com a definição de metas a serem atingidas a partir das necessidades levantadas.

Colocou que, após presenciar os diferentes momentos da pesquisa, já não sabia se acertava quando insistia que os meninos fossem “cavalheiros” – palavra que apareceu muitas vezes nas falas dos/as alunos/as durante as rodas de conversa - com as meninas sendo privilegiadas nos momentos da merenda ou de subir no ônibus quando organizava sempre primeiro as meninas em fila e os meninos sempre depois. Esta organização gerou questionamentos dos garotos ao que ela respondia que eles deviam ser gentis, que deviam estar ali para defendê-las, “matar o bicho se ele aparecer.” Expôs que talvez, uma educadora feminista pudesse ser contrária às suas ações, entretanto fez o que achava ser o certo. Enfatizou que não teve formação sobre a temática na graduação em Pedagogia nem nos seus 10 anos de atuação na educação infantil.

Professora Júlia: Ah...imagina que vai falar que o homem tem que ser cavalheiro, né? Defender, ajudar, vai falar totalmente o contrário. Então eu acho que vai da concepção da professora, no caso, não é? Que acaba influenciando na formação deles, no comportamento, reforçando um comportamento em detrimento de outro, o que você aceita e o que você não aceita. Acho que isso em tudo. Nessa parte da sexualidade também.

A professora está correta em sua colocação. No movimento feminista, o que se defende é que todo o tipo de hegemonia seja superado e que exista a equidade entre os gêneros. É importante um olhar atento para todas as relações: entre os homens e mulheres, de homens entre si e as de mulheres entre si. É preciso que suplantemos qualquer tipo de dominância.

Considerações finais

Entendemos que não se pode separar mais o homem dos recursos tecnológicos existentes e nem tampouco as crianças. É importante conviver com eles. Contudo, há que se considerar que seus conteúdos se constituem em maneiras de ensinar – são as chamadas pedagogias culturais existentes - nos diferentes artefatos midiáticos: publicidade, cinema, TV, Internet, revistas etc., que ditam, constantemente, normas e posturas, mostram qual a posição ocupada pelo sujeito na sociedade e, ao mesmo tempo, exercitam jogos de poder.

Observamos que, por meio das falas e das atitudes das crianças, apesar de aparentemente inocentes, os filmes da Disney ditam posturas e comportamentos que imprimem nos/as pequenos/as expectadores, de forma eficaz, formas de serem homens e mulheres. Emitem mensagens de cunho sexista, como estratégias de governo e reforçam estereótipos de masculinidades e feminilidades que são incorporadas e foram, externalizadas pelos/as pequenos/as em diferentes momentos da pesquisa.

O depoimento da docente permitiu-nos averiguar que a falta de formação dos professores – tanto inicial quanto continuada – impedem a realização de uma educação sexual, desde a educação infantil, conforme preconizam os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RCNEI). Observamos que, apesar de diferentes ocorrências, envolvendo a sexualidade dos alunos, os professores agem de forma informal, com base nos “achismos” ou se calam diante das situações do cotidiano. Em virtude do desconhecimento de que a sexualidade é bem mais ampla de que o conteúdo de ciências que envolve o corpo humano e o aparelho reprodutor, não se observam questões como os estereótipos de feminilidades e masculinidades e a necessidade de que exista a equidade entre homens e mulheres e nenhum tipo de dominância entre ambos. A falta de conhecimento da professora faz que a mesma atue com base naquilo que vivenciou, ao longo de sua existência, o que, em alguns momentos, permitiu que reforçasse, ela mesma, os estereótipos de gênero entre seus/suas pequenos/as alunos/as.

Entendemos ser necessária formação para que professores/as possam educar sexualmente as crianças e tenham estratégias metodológicas para tanto, já vemos as crianças como portadoras de cultura e de história e como participantes, como atores sociais em sua subjetividade lúdica e por enxergarmos o papel do/a professor/a como fundamental e decisivo neste processo.

Referências

BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. “Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In MEYER, D. S.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). *Metodologias de*

pesquisas pós-críticas em educação (pp. 87-109). Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. *Sexualidade (s) e infância (s): A sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP. 2000.

FELIPE, J. *Infância, gênero e sexualidade*. Educação e Realidade, 25:115-131. jan/jun. 2000,

_____, J. A erotização dos corpos infantis. In Louro, G. L., Felipe, J., & Goellner, S.V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação* (5a ed., pp. 53-65). Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber* ((15a ed.). (M. T. C. Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque Trad.). Rio de Janeiro: Graal. 1988.

_____, M. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 2007.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).1996.

GIROUX, H. A. A disneyzação da cultura infantil. In SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). *Territórios contestados: O currículo e os mapas políticos culturais* (3a ed., pp. 49-81). Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

_____, H. A. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil: A construção corporativa da infância* (pp. 87-108) (G. E. J. Bricio Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

GOELLNER, S. *(Re) pensando entendimentos, articulações e possibilidades*. Revista Diversidade e Educação, 3(5),4-7. 2015.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola* (Coleção Educação em pauta: escola e democracia). (A. V. Fuzatto, Trad.). São Paulo: Moderna. 1999.

TEIXEIRA, N. C. R. B. *Discurso publicitário e a pedagogia do gênero: representações do feminino*. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, 6(17),37-48. 2009. Disponível em

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/165/166> Acesso em: 10 ago. 2017.

Texto recebido em: 28/04/2018

Texto aprovado em: 20/06/2018